

Agradeço a todos que têm a ver com a Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência

Universidade de São Paulo

Reitor Marco Antonio Zago
Vice-Reitor Vahan Agopyan

Instituto de Estudos Avançados

Diretor Paulo Saldiva
Vice-Diretor Guilherme Ary Plonski

Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência

Coordenador da Cátedra Martin Grossmann
Diretor da Revista do IEA Alfredo Bosi, Membro da Academia Brasileira de Letras
Diretor do Instituto Itaú Cultural Eduardo Saron

Primeiro ocupante da Cátedra Sérgio Paulo Rouanet, embaixador, filósofo e membro da Academia Brasileira de Letras acompanhado de sua mulher, a socióloga Bárbara Freitag

Professora da USP que me recebeu Lilia Schwarcz, parceira de vários projetos, agora na História da Escravidão, hoje também professora da Universidade de Princeton

Agradeço a presença nesta solenidade do Secretário de Estado da Cultura José Roberto Sadek

e de meus amigos intelectuais e companheiros de muitas lutas
Agnaldo Farias, Paulo Miyada, Miguel Chaia, Odilon Wagner, Rodolfo Stroeter, Fernando Perez, Carlos Dias, Jorge Schwartz, Nabil Bonduki, Teixeira Coelho, Nelson Brissac e sua mulher Giselle Beiguelman, Carlos Roberto Ferreira Brandão, Fabio Cypriano, Carlos Magalhães, Mario Mazzetti

Meu irmão, arquiteto Ruy Ohtake, juntamente com minha mãe, a artista plástica Tomie Ohtake, me ajudaram a vida inteira e sempre me trataram como irmão e filho caçula

Marcy Junqueira, assessora de imprensa, inclusive do Instituto Tomie Ohtake – e nas horas vagas, minha mulher há 22 anos

A todos os amigos e funcionários do IEA e do Instituto Tomie Ohtake
A todos os demais presentes nesta sessão.

É uma honra vir à Universidade de São Paulo, no seu Instituto de Estudos Avançados e ocupar a Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, após ter me formado nesta importante instituição, praticamente há 50 anos.

Gostaria de saudar o homenageado da Cátedra com o seu nome, Olavo Setubal, por ter criado um dos grandes bancos deste país, e hoje, sob a presidência de seu filho Roberto Setubal, aqui presente, ter se tornado o maior banco brasileiro.

Olavo Setubal foi, além disso, o criador do Itaú Social e do Itaú Cultural, hoje presidido por Milú Villela, e tendo como superintendente Eduardo Saron que é atualmente o mais importante dirigente cultural do Brasil.

Não sei se vou atender àquilo que se espera da Cátedra em 2017, após a sua criação em 2016, com o brilho de um dos grandes intelectuais brasileiros, o filósofo Sergio Paulo Rouanet que trouxe o seu conhecimento e suas reflexões à Universidade de São Paulo.

Eu nem sequer sou intelectual, só pensador a meu modo. Contudo, os coordenadores da Cátedra me sossegaram, dizendo que o importante era a minha trajetória, por dirigir inúmeras instituições e por ter tido iniciativas – eles disseram que isso foi feito com muita imaginação; será?

Então eu me propus a contar neste ano de duração da Cátedra o que aconteceu em 60 anos de vida ligados a coordenar atividades culturais, na maior parte das vezes como responsável pelas questões programáticas e conceituais, mas também pelas administrativas e financeiras, com a ajuda de assessores, diretores, assistentes e funcionários em geral.

Se por um lado, a atividade cultural é sempre provida por recursos muito limitados, por outro e por isso, exige sempre muita imaginação e ousadia para que as proposições se resolvam. O dirigente não precisa ser intelectual, mas deve saber por onde andam os conceitos, as variações de abordagens, os artistas, a história da arte e, também, conhecer a engenharia de realização das atividades. Como o recurso nunca é suficiente, saber dar as prioridades e alternativas é fundamental para ter sentido em tudo que se faz.

Ao repassar a minha trajetória no trabalho de dirigente cultural, pensei na minha infância quando, ainda pequeno, inventava as coisas que aconteciam em minha vida, na rua do bairro paulistano da Mooca. Agora, quando pensava no que dizer nesta Cátedra, concluí que nunca tinha refletido com profundidade sobre o que foi realizado.

Percebi, então, com surpresa, ter captado e interiorizado aquilo que o crítico de arte Mario Pedrosa na década de 1950 dizia para minha mãe: “o fundamental é ser original”. Entendi que original tinha que ser sempre, não só na criação artística.

Notei ainda, pela primeira vez, que a minha tendência foi sempre alcançar as soluções alternativas, ou, como dizia nas situações políticas, passar pelas brechas que o sistema não conseguia fechar.

Mas isso não foi uma posição pré-estabelecida. Foi algo que aparecia à medida que uma situação exigia, seja nas questões básicas administrativas, ou nas questões financeiras, nas questões programáticas, conceituais e propositivas.

Foi assim que muitos anos antes estávamos promovendo coisas que não faziam parte do cotidiano. Se na sua rua a brincadeira era jogar futebol, inventava-se o basquete, ou o beisebol adaptados para a rua; ao invés de cesta, o poste de iluminação servia de substituto... ou a base de beisebol era desenhado a carvão e no lugar de 4 bases, havia 3 pelo menor número de jogadores... Basquete e beisebol nunca tinham sido praticados naquela rua.

Estas constatações foram recentes – e agora, nem sei se vou conseguir continuar assim...

Quando comecei a entender o que era uma exposição de arte, os principais protagonistas no Brasil eram os museus de Arte Moderna do Rio e de São Paulo e a Bienal de São Paulo. Fundados no pós-guerra, ao redor de 1950, são resultados diretos da economia que floresceu durante a conflagração, quando o país foi obrigado a produzir bens, pois os tradicionais países fornecedores estavam preocupados com os materiais necessários para a época da guerra.

Com isso, o Brasil conseguiu ter um enorme saldo que ficou em mãos da burguesia ascendente, sempre empreendedora, mais para ela do que ao país – bem entendido. As viagens ao exterior trouxeram a cosmopolitização ao Brasil, particularmente Rio e São Paulo, e neste momento foram importantes e simbólicos a Cia Cinematográfica Vera Cruz, o TBC Teatro Brasileiro de Comédia, e sem dúvida as instituições de arte, museus e Bienal.

O Museu de Arte MASP foi criado pela burguesia agrícola, do café, já em plena decadência. No entanto, anos mais tarde, no prédio da av. Paulista, por volta de 1970, sob a direção do italiano P.M.Bardi, torna-se o mais importante museu de São Paulo. Com a morte de Bardi e a direção novamente com a burguesia, deixa de ter a mesma pujança, porém tem retomado nestes últimos anos.

O abstracionismo geométrico e informal representa a arte desse período, final da década de 40 e início de 50. Ao lado do design, está sintonizada com a etapa do desenvolvimento da indústria no Brasil. Inicia-se na segunda metade dos anos de 1950 novo impulso na arte e cultura brasileiras, com a construção da ideia e de um projeto de país.

A interiorização, com estradas para o oeste, a decadência das ferrovias pela escolha do desenvolvimento da indústria automobilística, o incentivo à agricultura extensiva, causando o êxodo das populações rurais para as cidades, e o aparecimento das periferias foram algumas escolhas básicas e contraditórias para o desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Construiu-se assim um país moderno e medieval.

Para as áreas das artes e da cultura, a construção de Brasília trouxe uma grande novidade com sua arquitetura espetacular e extremamente original e singela, e o surgimento de uma nova universidade fora dos padrões das existentes no Brasil. Assim como houve a urgência na nova Capital, houve a urgência na criação de nova dramaturgia, nova cinematografia, artes visuais, música, de origem europeia e americana, mas com temática e forma nacionais.

O Teatro de Arena, o Cinema Novo, o CPC Centro Popular de Cultura, o Teatro Oficina, a Bossa Nova, o Novo Realismo são movimentos que aconteceram logo em seguida àqueles da década anterior, ou seja, em 10 anos houve dois movimentos fortíssimos, um para a afirmação cultural e outro para a afirmação política.

Tudo muito urgente, esta nova onda cultural e artística não teve tempo para a formação de dirigentes, senão os próprios artistas que conduziam as questões política, financeira, artística, administrativa.

As tensões criadas na nação fizeram com que a burguesia reacionária, a imprensa e o capital externo se juntassem e aumentassem estas tensões para chegar ao ponto de ruptura, conduzindo a população a apoiar o golpe de Estado de 1964 que levou à Ditadura, e à construção de um capitalismo que possibilitasse criar grandes empresas privadas e estatais, e ainda de capitais construtivos e especulativos, nacionais e internacionais.

Porém neste período, quando se pensava que novas e organizadas instituições culturais poderiam ser criadas, não foi o caso. Somente o foram entidades estatais como a Funarte, a Embrafilme, que serviram para repassar verbas para produtores e artistas, ou para produzir atividades artísticas, contratando artistas, produtores ou grupos de música, teatro, dança, artes visuais.

Só depois do final da Ditadura foi criada a lei de incentivo à cultura, mais democrática, inicialmente a lei Sarney e posteriormente, com aperfeiçoamentos, a lei Rouanet.

Os estados e as prefeituras também criaram as suas leis de incentivo. Mas foi a Lei Rouanet que impulsionou e até hoje impulsiona a arte e a cultura no país, com as empresas atuando como intermediárias, pois havia o temor da máquina estatal levar ao dirigismo, embora tenha levado para o empresarial. A estrutura governamental está muito longe de conduzir a operação, pois não consegue sequer fiscalizar.

Dentro da lei, funcionou muito bem o Mecenato, mas o Fundo Nacional de Cultura que levaria recursos para pequenos produtores e artistas de todos os recantos do país acabou não funcionando. Ultimamente a lei tem sido demonizada por causa de desvios que foram cometidos por produtores inescrupulosos ou mesmo aqueles com boa fé, mas sem a capacidade de usar a lei convenientemente.

No entanto, sempre foi importante salientar que a cultura teria que ser movida pelo Estado, já que, até então, era o mercado que a conduzia. Os ingressos de teatro eram vendidos, com 8 sessões semanais e não nas atuais 3, as salas cheias dos cinemas, as grandes salas de música erudita e popular sempre lotadas. A grande quebra deu-se com a televisão cujos anúncios alimentavam a programação que chegava ao público gratuitamente com os custos pagos pela publicidade. Foi neste momento que as leis de incentivo tiveram que ser acionadas para manter as atividades, o que aconteceu logo após o final da Ditadura há 30 anos.

Surgiu então no Brasil, uma forma de arte que tinha novo objetivo, o entretenimento, numa forma de diversão e de espalçar, não de reflexão ou de aguçar sensibilidades.

No final do século, depois de algumas décadas extremamente criadoras e realizadoras, como a de 1920, 1950-60, a década de 1990 e principalmente a de 2000 voltaram a ser extremamente ricas para as artes e a cultura, quando se iniciou nova fase para a institucionalização da cultura, com a criação de instituições a partir de bancos e companhias. Além disso, governos federal, estaduais e municipais fundaram inúmeras entidades, museus, orquestras, dando uma movimentação cultural muito intensa, além da construção de muitos equipamentos, embora continue a receber, bem menos do que 1% das receitas governamentais.

Estas construções de equipamentos novos e readequações de antigos consolidam as instituições, dando um futuro mais promissor às artes, embora no caso das visuais limita um pouco o aparecimento de novas tendências, já iniciadas nos anos de 1980, como o *site-specific*, a arte de rua, as performances que não dependem mais de locais específicos e em instituições estabelecidas. Acontece também no teatro, onde aparece

o tipo de peças em locais não convencionais, da mesma forma que a dança, o cine-fachada, a música em locais abertos.

Com a crise política de 2016, o baque que sofreram as organizações de arte e cultura foi terrível. Inicia-se a desativação de uma série destas iniciativas, ainda recentes bem entendido. Casas de cultura no interior de São Paulo, e de alguns outros estados; oficinas culturais que o Estado já tinha aberto mão e que mal as municipalidades conseguem conduzir; orquestras e bandas sinfônicas, tão raras neste país são reduzidas ou desativadas; Paço das Artes de São Paulo desaparece para ser demolido!, a Fundação Iberê Camargo está quase fechada, Biblioteca do Estado do Rio apesar de ter 4,5 mil pessoas por dia foi fechada.

Importante exemplificar parte dos casos que aconteceram neste período de aproximadamente 30 anos, portanto não um levantamento completo:

Os de governos, federal, estaduais e municipais:

- Centro Cultural São Paulo, 1982;
- Paço das Artes, São Paulo 1994, mas esteve anteriormente em espaços provisórios;
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói em 1996, edifício projetado por Oscar Niemeyer que se torna símbolo da cidade;
- Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Rio 1996;
- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães, Recife 1997;
- Pinacoteca do Estado, São Paulo 1998; funcionou em dois locais, inclusive nesta última por longo tempo;
- Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, 1999 em Fortaleza;
- Oca, Parque Ibirapuera, São Paulo 1999
- Museu Oscar Niemeyer, Curitiba 2002;
- Museu Casa das Onze Janelas, Belém, 2002;
- Museu Afro Brasil, São Paulo 2004;
- Museu de Arte de Goiânia, 2005;
- Museu Nacional, Brasília 2006;
- Museu da Língua Portuguesa, dentro da Estação da Luz, São Paulo 2006;
- Museu do Futebol, dentro do Estádio do Pacaembu 2008 São Paulo;
- Museu de Arte Contemporânea da USP 2012, funcionou em outros locais anteriormente.
- MAR Museu de Arte do Rio 2013;
- Museu do Amanhã, Rio 2015;

Os centros culturais de empresas:

- Fundação Maria Luisa e Oscar Americano, São Paulo, 1974;
- o Itaú Cultural, 1987, em São Paulo, com sede definitiva a partir de 1995;
- o Centro Cultural Banco do Brasil em 1989, no Rio, 2000 em Brasília, 2001 em São Paulo, 2013 em Belo Horizonte;

- Instituto Moreira Salles, 1992 em Poços de Caldas, 1999 no Rio e 2017 em São Paulo;
- Museu Vale, Vitória, 1998.
- Santander Cultural, Porto Alegre, 2001.

Os particulares:

- Instituto Tomie Ohtake, São Paulo 2001;
- Museu da Maré, Rio de Janeiro 2006;
- Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre 2008;
- Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto, 2011;

Das últimas formas de democratização cultural estão as manifestações de diversas linguagens que surgem na rua, especialmente concebidas para locais abertos, livres de ingresso. Porém, apesar de a arte se encaminhar para espaços não institucionais, as instituições continuam a ter um papel fundamental, pois organizam as produções em todos os níveis.

No entanto, a partir de 1980, com os resquícios de redemocratização, foram abertos centros culturais e museus por todo o país, muito além dos citados aqui anteriormente.

Esta transformação ainda leva décadas, talvez século para se consolidar, mas já anuncia o final de uma arte que se iniciou no Renascimento, a arte burguesa.

Nesta Cátedra, queremos abordar esta trajetória da arte e da cultura no Brasil pós II Guerra até a crise de 2016:

- desenvolver a minha trajetória no trabalho como dirigente cultural, no contexto da cidade, além do país e internacionalmente, chegando a detalhes possíveis de abordar;
- convidar críticos, dirigentes culturais, artistas, historiadores para participar de debates e depoimentos sobre:
 - a relação da arte com a política
 - o papel das exposições no debate da arte
 - a função de dirigentes culturais no desenvolvimento das instituições e do pensamento
 - a formação das instituições na recepção do público.
- Desenvolver, com a participação dos alunos inscritos, duas questões:
 - a participação de **instituições** específicas no desenvolvimento da arte e da cultura, característicos de cada período;
 - o pensamento e a ação de determinados **dirigentes culturais**.
- analisar a atual situação das instituições e das atividades da arte e da cultura, com perspectivas para o futuro.

A discussão deste futuro é o que mais interessa, principalmente por causa da nova situação política, social, econômica, administrativa e institucional brasileira, que sabemos, criou-se no país uma anomalia jurídica, provocando insegurança para a população e certa insegurança no meio cultural.

No entanto, as artes sempre são muito críticas e inventivas e, com seus meios, luta para sair desta situação. No entanto, têm uma história, e sua cultura saberá potencializar os valores estéticos, éticos, políticos, se desdobrará em inovações e experimentações, para dar nova respiração ao futuro período da vida brasileira, aproveitando as tecnologias recentes, as tradicionais técnicas e as relações mundiais.

Ricardo Ohtake
17 março 2017